

O terror da ruptura dos rituais fúnebres na pandemia de covid-19

Sophia Thomazini de Aguiar¹

Amanda Bazan Furini²

Giovanna Carbonera Agrella³

Natália Barros Ramalho⁴

Graziela Tosta Barros de Carvalho⁵

Júlia de Mello Gallo⁶

Bruna Fontanelli Grigolli Pérsico⁷

Resumo

No fim de 2019, o coronavírus surgiu na China desencadeando uma pandemia global, devido à sua alta taxa de contágio. As medidas de isolamento e distanciamento social foram

1 Psicóloga clínica. Especializanda em Teorias e Técnicas Psicanalíticas pelo Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto (IEP-RP). Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3519-489X>. E-mail: sophia.thomazinii@gmail.com.

2 Psicóloga clínica. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). Especialista em Saúde Mental pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HC-FMRP-USP) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2307-4578>. E-mail: bazanfuriniamanda@gmail.com.

3 Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP-RP). Membro do Laboratório de Pesquisas em Práticas Dialógicas e Colaborativas (Dialog-USP). Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9291-1779>. E-mail: giovannaagrella@hotmail.com.

4 Psicóloga clínica e de grupos. Especializanda em Clínica Existencial Humanista e em ACP pelo Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológico-Existencial e Humanista (NEPFEH) e Encontro ACP, respectivamente. Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4359-3973>. E-mail: psi.nataliaramalho@gmail.com.

5 Psicóloga clínica. Especializanda em Teorias e Técnicas Psicanalíticas pelo Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto (IEP-RP). Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6720-2648>. E-mail: psi.grazielatbcarvalho@gmail.com/grazbarros@gmail.com.

6 Psicóloga clínica. Especializanda em Teorias e Técnicas Psicanalíticas pelo Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto (IEP-RP). Graduada em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3285-6456>. E-mail: psicojuliagallo@gmail.com.

7 Psicóloga clínica. Docente e supervisora clínica no Curso de Psicologia da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). Doutora e mestra em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) (São Paulo, Brasil). Graduada em Psicologia pela Unaerp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7239-0015>. E-mail: bpersico@unaerp.br.

implementadas para conter a propagação do vírus, resultando em mudanças significativas nas rotinas sociais. A necessidade de distanciamento físico afetou drasticamente as relações interpessoais, especialmente durante momentos de perda, como funerais. Diante disso, as restrições impostas pela pandemia interromperam ou dificultaram as despedidas e os rituais fúnebres, impactando profundamente a maneira como as pessoas vivenciam e lidam com o luto, que é compreendido pela psicanálise como a reação apresentada pelo sujeito diante da perda de uma pessoa ou abstração vinculada a essa ausência. Assim, a não realização desses ritos durante a pandemia gerou dificuldades na simbolização da perda, resultando em fantasias de medo, terror, culpa e dor. Este estudo buscou compreender, por meio da análise psicanalítica, os impactos que a falta e/ou a não realização dos ritos de morte ocasionaram durante o período da pandemia. A natureza desta pesquisa é aplicada, com abordagem qualitativa, objetivos de cunho exploratório e procedimentos de estudo de campo. A partir da análise de dados coletados em quatro entrevistas, examinou-se como os participantes enfrentaram o falecimento de entes queridos, a causa da morte e a experiência das cerimônias de despedida afetadas pelo distanciamento social. Os resultados destacaram sentimentos como estresse, ansiedade, tristeza, desamparo, raiva e impotência relacionados ao luto durante o isolamento social. Observou-se uma dificuldade na concretização psíquica da perda e na elaboração do luto, ressaltando a importância dos rituais fúnebres na aceitação da irreversibilidade da morte. Concluiu-se que tais rituais desempenham um papel fundamental no atendimento às necessidades psicológicas e sociais dos indivíduos, enfatizando sua importância durante os períodos de crise, como a pandemia.

Palavras-chave: Pandemia, Covid-19, Psicanálise, Luto, Rituais fúnebres.

Introdução

No fim de 2019, começava a se manifestar, ainda que de modo discreto e em território chinês, a covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. A covid-19 é uma infecção respiratória que pode variar de leve a grave, com sintomas como febre, tosse seca, fadiga, perda de olfato e paladar, e, em casos mais severos, dificuldade para respirar. O contágio ocorre principalmente por meio de gotículas respiratórias expelidas por uma pessoa infectada ao tossir, espirrar ou falar, além de contato com superfícies contaminadas (“Transmissão – covid-19”, 2023). Em razão de sua alta capacidade de transmissão, rapidamente, no ano de 2020, estabeleceu-se um estado pandêmico. Em janeiro de 2021, o Brasil iniciou a vacinação contra a covid-19, com a aplicação das primeiras doses da CoronaVac e da vacina da AstraZeneca. Apenas em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em Genebra, o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Organização Pan-Americana de Saúde, 2023).

Devido à rápida propagação do vírus e ao risco de colapso dos sistemas de saúde, muitos países, da mesma maneira que o Brasil, implementaram rigorosas medidas de distanciamento social e diversas restrições. Entre essas medidas estavam o fechamento de escolas e comércios e a limitação de viagens, bem como a proibição de visitas presenciais em hospitais e de despedidas em funerais. Essas restrições alteraram profundamente as relações interpessoais,

especialmente nos momentos de perda, uma vez que muitas famílias não puderam se despedir dos entes queridos ou realizar os rituais fúnebres tradicionais de suas religiões e culturas.

A sobrevida do vírus em cadáveres e as aglomerações em velórios foram fatores que contribuíram para essas restrições em funerais. A realização de rituais funerários, que normalmente envolviam o contato próximo com o corpo ou a presença de um grande número de pessoas, foi desencorajada ou adaptada para mitigar o risco de transmissão (Crepaldi et al., 2020). Assim, os protocolos de saúde (“Ministério da Saúde pública”, 2023) exigiram o isolamento social até mesmo após a morte, com o intuito de prevenir práticas que poderiam perpetuar a disseminação do vírus.

Considerando que, durante a pandemia, os rituais de luto foram amplamente interrompidos, favorecendo, assim, a dificuldade de elaboração do processo de luto, para compreender esse processo, é necessário diferenciar o que são ritos e rituais. Segundo Guilouski e Costa (2012), “os rituais são compostos por uma série de ritos e podem ter caráter religioso ou não-religioso” (p. 93). Por sua vez, “ritos são gestos simbólicos repetitivos que expressam crenças religiosas, desejos, intenções, saudações, entre outras finalidades” (p. 1). Em vista disso, os rituais fúnebres podem ser entendidos como um conjunto de ritos voltados à formalização da despedida de um ente querido que faleceu.

Kovács (1992) afirma que a morte tem diversas representações, a depender do contexto cultural e religioso, sendo que cada indivíduo lida e age, diante da morte, de maneira particular. Muitas pessoas, por terem sido impedidas de realizar ritos e rituais, podem ter vivenciado impactos na forma como experienciaram o luto, incluindo maiores dificuldades de simbolização da perda.

Para a psicanálise, os processos de enlutamento referem-se à reação diante da perda de uma pessoa ou de uma abstração. Quando o luto não é vivenciado em sua totalidade na realidade concreta, especialmente considerando o processo simbólico da psique, ele pode se manifestar de maneiras variadas, por meio de diferentes sentimentos, ritos e rituais. A ausência de um processo ideal de elaboração desse sentimento pode resultar em fantasias de medo, terror, culpa e dor, além do já doloroso rompimento libidinal com o ente perdido. Isso pode dificultar a internalização do objeto perdido e comprometer o estabelecimento de novas ligações libidinais, que são essenciais ao progresso do luto (Freud, 1917/2011).

Posto isso, o presente estudo tem o objetivo de compreender os impactos da ausência de ritos de morte no processo de vivência do luto durante a pandemia a partir de uma perspectiva psicanalítica. No segundo semestre de 2022, foram entrevistados quatro participantes que vivenciaram o falecimento de um ente amado por covid-19 no período da pandemia. Como metodologia, as pesquisadoras elaboraram um roteiro de entrevista semiestruturado. Após a coleta de dados, o conteúdo foi analisado e dividido em quatro categorias, que se apresentam como: “Emoções e sentimentos relacionados ao falecimento”; “Consequências psíquicas das medidas de isolamento/distanciamento em relação ao doente/falecido”; “Dificuldade de simbolização da perda”; e “Diferença da elaboração do luto quando há o ritual”.

Cada categoria foi explorada conforme a abordagem psicanalítica de Freud nas obras *Luto e melancolia* (1917/2011), “Além do princípio do prazer” (1920/1996), “Introdução ao narcisismo” (1914/1974), “O futuro de uma ilusão” (1927/1974); de Kovács (1992); de

Klein (1940/1996) em “O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos”, entre outros autores.

Vale ainda ressaltar a relevância da temática, uma vez que os pensamentos sobre morte e luto se encontram totalmente implicados na existência de todo ser humano. Conforme Kierkegaard (1844/1968), correspondem a um angustiar-se pelo qual todos precisam passar, uma aventura: a de aprender a angustiar-se, para não se afundar em sofrimento e para compreender um tanto do que é viver. Em tempos de pandemia, dor e medo, quais dificuldades foram encontradas?

Método

Participantes

Contribuíram para a pesquisa quatro participantes que, desde o início da pandemia de covid-19, iniciada no ano de 2020, vivenciaram situações de luto não simbólico. Assim, três pessoas do gênero feminino e uma do gênero masculino, com idade entre 21 e 49 anos, participaram do estudo, sendo: M.E., sexo feminino, 23 anos; M.V., sexo feminino, 22 anos; I.N., sexo feminino, 49 anos; e O.R., sexo masculino, 22 anos. As entrevistas ocorreram no período de agosto a outubro de 2022. Além disso, foi considerado como critério de inclusão para participação do estudo que os indivíduos fossem maiores de 18 anos e tivessem vivenciado situações de luto a partir do ano de 2020, durante o período da pandemia da covid-19. Em contrapartida, foram definidos como critérios de exclusão: (i) indivíduos com capacidade de expressão verbal comprometida e/ou com prejuízos cognitivos significativos, que pudessem prejudicar a compreensão e participação nas entrevistas, bem como (ii) aqueles que não vivenciaram luto a partir de 2020, portanto, durante a pandemia de covid-19.

Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foram utilizados como instrumentos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um roteiro de entrevista semiestruturado, um gravador de voz do celular e um caderno para anotações. O roteiro de entrevista semiestruturado buscou contemplar as vivências da/do participante na pandemia de covid-19, informando se alguma pessoa próxima a ela/ele faleceu, a causa da morte e, por fim, sua vivência em cerimônias de despedida que não puderam ocorrer presencialmente devido ao isolamento social.

Procedimentos e aspectos éticos

Tratou-se de um estudo com abordagem metodológica qualitativa, com objetivos de cunho exploratório, utilizando o viés psicanalítico como recorte teórico-prático. Para a coleta de dados, foi formada uma amostra não probabilística denominada “bola de neve”, na qual o primeiro participante contatado que concordou em participar da pesquisa indicou o

próximo participante para o trabalho e, assim, sucessivamente. A busca encerrou-se tão logo foi possível reunir relatos diversos de experiências.

A escolha pelo uso de entrevistas justificou-se pela necessidade de explorar as experiências subjetivas dos participantes, especialmente, considerando o impacto do luto vivido durante a pandemia. Embora a psicanálise tradicionalmente se baseie em técnicas como associação livre ou estudo de caso, a adoção de entrevistas semiestruturadas é igualmente válida, principalmente em contextos em que a experiência individual precisa ser explorada de forma narrativa e reflexiva. De acordo com Rosa e Domingues (2010), o método não é um *a priori* da pesquisa, ele faz parte dela, sendo sempre um caminho provisório para entender determinada questão. Diante disso, os pós-freudianos passaram a compreender uma aplicação da psicanálise nos campos não clínicos, envolvendo aspectos ligados a fenômenos sociais, culturais e artísticos, utilizando a escuta como fonte de acesso ao sujeito.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), parecer n. 5.794.524. As entrevistas foram realizadas na Clínica de Psicologia da Unaerp e, em alguns casos, na residência da/do participante. Todas as pessoas que concordaram em participar do estudo assinaram o TCLE e foram informadas sobre os objetivos, riscos e benefícios da participação, assim como da garantia do sigilo das informações. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada em dois momentos, sendo empreendida, na primeira fase, a transcrição das entrevistas e a busca de conteúdos comuns contidos na mesma entrevista, seguindo as etapas: leitura inicial, marcação, corte, primeira junção, notação e organização. Na primeira etapa, foram realizadas leituras de aprofundamento para identificar as temáticas dos conteúdos abordados nas entrevistas; na marcação, foram selecionados trechos relevantes para o tema abordado, que, na etapa de corte, foram retirados do texto; na primeira junção, os trechos foram agrupados e dispostos em um protocolo de análise; a etapa notação baseou-se em observações do material selecionado, relacionando-os com a literatura; por fim, a última etapa dessa fase, a organização, foi composta pelo agrupamento dos trechos de todas as entrevistas em uma mesma categoria temática para análise (Figueiredo et al., 2007 como citado por Grigolli, 2013).

No segundo momento, as pesquisadoras selecionaram os conteúdos comuns às entrevistas e seguiram as etapas semelhantes às anteriores: leitura inicial, organização, notação e redação final. Foram realizadas leituras aprofundadas dos trechos identificados e separados por categorias temáticas. Em seguida, foi feita a organização dos trechos, com a classificação em subcategorias, em função de conteúdos específicos das categorias temáticas, divididas em: “Emoções e sentimentos relacionados ao falecimento”; “Consequências psíquicas das medidas de isolamento/distanciamento em relação ao doente/falecido”; “Dificuldade de simbolização da perda” e “Diferença da elaboração do luto quando há o ritual”. A notação, como na primeira fase, refere-se à observação dos trechos, relacionando-os com a literatura.

Por fim, a redação final contou com a realização do registro escrito definitivo do estudo (Figueiredo et al., 2007 como citado por Grigolli, 2013).

Uma observação deve ser feita quanto à participação de I.N. – que apresenta a menor quantidade de falas no presente artigo –, cuja entrevista foi notavelmente breve, caracterizando-se por respostas diretas às perguntas, sem manifestação de interesse em acrescentar outras considerações por se achar satisfeita com a contribuição.

Resultados e discussão

Os resultados apresentados a seguir, juntamente com as respectivas discussões, foram elaborados com base no conteúdo das entrevistas realizadas entre agosto e outubro de 2022, com quatro participantes que vivenciaram o falecimento de um ente querido durante a pandemia. As categorias elaboradas a partir dos relatos coletados e da análise, como já relatado, foram as seguintes: “Emoções e sentimentos relacionados ao falecimento”; “Consequências psíquicas das medidas de isolamento/distanciamento em relação ao doente/falecido”; “Dificuldade de elaboração da perda” e “Diferença da elaboração do luto quando há o ritual”.

Com relação às emoções e aos sentimentos experimentados diante do luto pelo falecimento de entes queridos, sob uma perspectiva psicanalítica, é possível identificar diversos movimentos e processos psíquicos. Ao enfrentar a perda de alguém próximo, o indivíduo depara-se com a realidade inevitável da finitude da vida e, como reação normal, inicia o luto, seja ele direcionado à perda de um ente amado, a um ideal, à pátria, seja até mesmo direcionado à liberdade. O processo de elaboração desencadeado por ele pode gerar, no enlutado, um estado de inibição, por causa do desligamento gradual dos investimentos libidinais que eram dirigidos ao objeto perdido.

Como reflexo dessa movimentação psíquica diante da perda, é possível elencar características típicas do luto, como a falta de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor e o afastamento de toda atividade que não esteja relacionada às lembranças do falecido. A permanência delas só é alterada a partir do exame da realidade, utilizado pelo ego como forma de analisar se o objeto existe ou não, para que, aos poucos, seja possível um retraimento da libido que antes era investida nesse objeto (Freud, 1917/2011). Durante as entrevistas, os participantes O.R. e M.E. ilustraram o teste de realidade ao descreverem a chegada à casa de seus parentes depois da morte, momento em que constataram, de forma concreta, a ausência dessas pessoas queridas. Da mesma forma, ações como visitar os pertences da pessoa falecida – roupas, fotos ou objetos pessoais – também exemplificam o processo de confronto com a realidade da perda, contribuindo para a aceitação gradual da ausência e para a elaboração do luto.

Esse é um processo que demanda tempo e que causa dor, em razão de toda movimentação libidinal (perda do objeto e novo direcionamento da pulsão), assim como, em alguns casos, pode resultar em afastamento da realidade e apego ao objeto a partir de uma psicose de desejo alucinatório. Todavia, o caminho comum para a resolução do luto é a vitória da realidade, que se sobrepõe à perda com muito custo (Freud, 1917/2011).

Em vista disso, cada pessoa irá elaborar o desamparo ocasionado pela perda de forma única, buscando acolhimento em diferentes fontes que atendam às suas necessidades emocionais e psicológicas. Nesse processo, as crenças surgem como respostas a essas necessidades ante à morte, oferecendo significados reconfortantes para questões existenciais. Elas proporcionam uma sensação de proteção e continuidade, ainda que suas explicações careçam de base empírica (Freud, 1920/1996). A partir das religiões, é possível observar fantasias prazerosas relacionadas à morte, a exemplo do possível reencontro com entes queridos falecidos, encontros com figuras idealizadas, como Deus, ida a um mundo paradisíaco ou até mesmo a ideia de retorno ao útero materno. Por outro lado, também emergem fantasias aterrorizantes, como as associadas ao inferno ou a outros locais de punição (Kóvacs, 1992).

Uma dessas fantasias relacionadas à morte, pôde, por exemplo, ser reconhecida na entrevista realizada com a participante I.N. no seguinte trecho: “Mas agora sinto que ele está lá do outro lado, cuidando de mim, do meu filho e da minha mãe também; ele está olhando por nós...”.

Para ela, a possibilidade de acreditar em outro local após a morte, onde o ente querido pode zelar por sua família, foi fundamental para ajudá-la a lidar com os sentimentos de tristeza intensa e o afastamento das atividades do cotidiano. Essa crença não apenas forneceu conforto emocional, mas também contribuiu para a construção de um sentido de proteção e continuidade, permitindo-lhe encontrar forças para enfrentar o processo de luto e retomar gradualmente a rotina.

Já na entrevista realizada com a participante M.V., é possível perceber que a entrevistada, desde criança, buscava uma explicação para tentar compreender a morte:

... eu acho que é uma pergunta legal de se fazer, tipo “como que você encara a morte assim?”. Porque eu, por exemplo, não sou muito disso, já fui bastante, e a minha relação com a religião se construiu muito a partir da perda do meu pai, porque eu tentava buscar respostas assim: “e aí, o que é isso?” Eu tinha um negócio quando eu era pequena, que minha mãe, na tentativa de explicar pra uma criança o que é que é perder, o que é a morte de um pai, de alguém, ela falava que ele tinha virado estrela.

Embora a metáfora de “virar estrelinha” seja frequentemente utilizada como uma maneira de explicar o falecimento para crianças, no caso de M.V., essa fantasia não trouxe o conforto esperado. A frase não teve a elaboração simbólica esperada e a interpretação concreta não contribuiu para a elaboração do luto na época. Em vez disso, novas buscas foram feitas, especialmente por meio da religião, que a ajudou a construir um sentido sobre a perda e a estabelecer uma relação mais compreensiva com a morte ao longo do tempo. A religião se apresenta como uma defesa psíquica ante ao desamparo da perda. Freud (1927/1974) considera que as religiões se apresentam como ilusões, uma vez que se originam dos desejos humanos.

Kovács (1992) destaca a análise de Morin sobre o papel das crenças, dos ritos e das magias no enfrentamento da morte, enfatizando que a religião exerce a função de socializar e direcionar os ritos de morte como uma forma de lidar com o terror causado por essa experiência. Segundo a autora, a morte de outra pessoa constitui uma vivência de morte

enquanto se está vivo, configurando-se como uma experiência indireta, mas profundamente impactante. Essa vivência se dá como se uma parte do ser também morresse, pois os vínculos afetivos estabelecidos com a pessoa falecida deixam de existir, criando um vazio que precisa ser elaborado.

A identificação com o objeto perdido, conforme proposto por Freud (1917/2011), acontece com pessoas que estão apresentando dificuldades de enfrentar a perda do objeto amado, sendo evidente a melancolia. Em vez de realizar o trabalho de luto esperado, que consiste no desligamento da libido do objeto e no direcionamento a outros investimentos, o indivíduo o internaliza inconscientemente. Pode-se dizer que há uma fusão simbólica que afeta a aceitação da perda e provoca conflitos internos, pois a identificação ocasiona um estado de rebaixamento da autoestima, ou seja, um empobrecimento do Eu, que, na manifestação do luto, é visto em relação com o mundo, que é pobre e vazio (Freud, 1917/2011).

Diante disso, é comum que a pessoa se descreva como incapaz, desprezível, se insulte, espere que os demais o rejeitem e o castiguem. Esse quadro é intitulado por Freud de “delírio de pequenez”, cuja origem é predominantemente moral, acompanhado de insônia, recusa de alimentação e presença exacerbada do instinto de morte. Em alguns momentos, tais críticas realmente fazem sentido e impressionam por descrever corretamente sua situação psicológica; porém, algo que chama atenção é o carecimento de vergonha diante de tamanha humilhação diante das demais pessoas. O indivíduo enlutado aparenta sentir satisfação no desnudamento de si mesmo, como se não houvesse nada a temer, já que perdeu o amor-próprio, e com boa razão (Freud, 1917/2011).

Klein (1940/1996) argumenta que o luto normal vai além da simples internalização do objeto perdido, envolvendo uma tentativa de restaurar os objetos bons internos, como os pais, que o indivíduo perdeu durante a infância. Esse processo permite a reconstrução do mundo interno, frequentemente ameaçado pelos objetos maus internos, possibilitando ao sujeito superar a angústia gerada pela perda e alcançar maior equilíbrio emocional. No entanto, quando esse processo não ocorre de forma adequada, como indicam as reflexões de Kovács (1992), predominam os objetos persecutórios introjetados, levando a um luto patológico ou a quadros melancólicos, caracterizados por depressão persecutória carregada de culpa.

Na entrevista com M.E., o sentimento de culpa pela perda do avô é evidente, mas não é possível afirmar que caracterize melancolia ou luto patológico. Para a melancolia, segundo Klein (1940/1996), seria necessário observar uma autodepreciação profunda ou uma identificação persecutória com o objeto perdido, o que não aparece no relato. A culpa expressa por M.E. está relacionada a um evento específico – a ausência da despedida e do contato físico –, e não à desvalorização de si mesma ou a medos persecutórios. “Então, foi isso: eu fiquei muito irritada por não ter visto ele, sabe. Eu senti muita culpa por não ter abraçado meu avô. A única coisa que passava na minha cabeça era: por que eu não abracei ele? Por que eu não abracei ele . . .” (M.E.).

É importante ressaltar que o objetivo das entrevistas não foi diagnosticar quadros melancólicos, pois, para fazê-lo de forma adequada, é necessário acompanhamento psicoterapêutico contínuo, e não apenas uma breve entrevista. Ainda assim, autores como Faustino (2022) discorrem sobre a melancolia em tempos de pandemia destacando as

inevitáveis sensações de mal-estar que se intensificaram nesse contexto. Para isso, esse autor baseia-se em pesquisas, tanto brasileiras quanto internacionais, que evidenciaram o aumento do estresse e da angústia na população. O cenário do Brasil, durante a pandemia, era marcado por notícias diárias nos telejornais sobre o aumento das mortes e do número de casos, a escassez de leitos e recursos hospitalares, e até a necessidade de abrir covas coletivas. A isso se somava a disseminação constante de notícias falsas, que geravam ainda mais medo e incerteza sobre o futuro. Diante desse quadro, é impossível não considerar o impacto emocional e psicológico sobre a população.

Na vida adulta, observa-se que tanto as demandas internas como as externas podem repercutir de diferentes formas na vida da pessoa que sofreu a perda e, conseqüentemente, propiciar diferentes respostas diante da morte, podendo ser vivenciados sentimentos de culpa. Bowlby (1969/1985) afirma que, no luto, podem ocorrer identificações do indivíduo com a pessoa que faleceu, principalmente quando ele percebe que está realizando atividades que a pessoa que se foi gostava ou que ela gostaria que acontecesse. Também é possível associar isso ao conceito kleiniano de objeto introjetado. Os seguintes excertos da entrevista da participante M.E. demonstram tais conceitos:

. . . eu comecei, pela terapia, a pensar [em] como internalizar isso, assim, como me despedir deles, não necessariamente me despedir deles, mas levar uma parte deles pra mim, assim, então foi uma coisa que eu trabalhei muito. O meu nono, ele era uma pessoa muito religiosa e ele falava pra mim, nossa, aquele italiano bem fervoroso que chegava até a irritar, sabe, e ele falava pra mim que, tipo... aí que não era pra eu fazer casamento de cabrito... que não era pra eu amontoar, assim, que eu tinha que casar e ele falava assim pra mim: “Ai, D., você vai casar, eu acredito em você...” e é uma coisa que eu realmente quero, porque, assim, eu namoro já faz muito tempo, e eu falo que seguir isso é uma forma de honrar a vida dele.

E o meu vô Z. era uma pessoa muito simples, ele deixou um relógio, três camisas, duas bermudas e acho que só. Ele era uma pessoa muito simples, ele era da roça, ele valorizava muito as coisas simples e eu acho que, apesar de eu não conseguir ter me despedido deles, quando eu vejo a natureza, eu lembro do vô Z. E aí eu sinto que, quando eu falo sobre eles e sobre a história deles, eu acabo percebendo que eu tô carregando eles comigo.

Outra das categorias utilizadas para a análise de dados foi: “Consequências psíquicas das medidas de isolamento/distanciamento em relação ao doente/falecido”. A pandemia causada pelo coronavírus (SARS-COV 2) foi responsável por várias mudanças, enfrentadas em escala global pelas sociedades (Cardoso et al., 2021). Nesse sentido, o distanciamento social foi uma das medidas de controle adotadas na época para tentar impedir o aumento do número de infecções pelo SARS-COV 2, mas, por outro lado, também se tornou um dos elementos que contribuíram para a dificuldade de elaboração do luto, ou, como Cardoso et al. (2021) afirmam, passou a ser um dos fatores desencadeadores do luto complicado.

Dessa forma, os costumes relacionados à morte até então em vigor foram suspensos, a exemplo da organização de velórios e cerimônias religiosas, posto que, durante os ritos fúnebres, determinado número de pessoas se reúne em um mesmo espaço, em certo local, configurando-se, portanto, como uma aglomeração, que, por sua vez, facilitaria a transmissão

do vírus, ocasionando mais contaminações. Além disso, faltava conhecimento científico acerca da sobrevivência do tempo do vírus em cadáveres (Crepaldi et al., 2020).

O procedimento de isolamento social/distanciamento, embora tenha sido essencial para as questões de saúde pública, causou impactos significativos na saúde mental e no psiquismo de familiares, amigos e pessoas próximas dos falecidos. Os ritos fúnebres auxiliavam-nas a elaborar, a lidar com a perda do ente querido, sendo processos importantes para a maturação psicológica diante da perda, bem como para a manifestação do pesar (Silva, 2021)

Giamattey et al. (2021) asseveram que o processo de ritualização da morte é indispensável para a elaboração do luto. Por acontecerem logo nas fases iniciais do processo de luto, os ritos fúnebres podem ser compreendidos como eventos significativos que contribuem para o enlutado se organizar psiquicamente em relação à perda, auxiliando na reestruturação da vida sem a pessoa que faleceu.

Sendo assim, o luto no contexto histórico-social da pandemia foi vivenciado de forma solitária ou afastada, o que favoreceu o sentimento de desamparo gerado (Giamattey et al., 2021). Esses sentimentos podem ser observados nas falas das participantes O.R. e M.E., mais especificamente nos seguintes trechos:

Aí, quando ela faleceu, ficamos bem sentidos, porque a gente não ia conseguir ver ela e a gente queria muito, e chegou a ver por chamada de vídeo, qualquer coisa assim, mas nada muito profundo (O.R.).

Aí eu vi ele só um dia, de máscara, super distante, não abracei ele, foi horrível, horrível, tipo assim, ele era meu vô... Ele teve que ser internado com pneumonia e não deixaram a gente ver ele. Ele ficou 20 dias internado, eu não vi ele, nem meu pai viu ele, só um dos filhos podia ver por causa da pandemia e aí não sabia se era covid, se não era, e ele chegou a falecer sozinho. Isso foi uma coisa, assim, que eu acho que ninguém superou ainda. Eu entendo que era a regulamentação da época, mas foi muito dolorido pra gente não poder ver ele (M.E.).

O processo de separação é um trabalho psíquico doloroso que, além de implicar no desligamento do objeto de amor, nos obriga a um árduo processo de reconstrução interna, o que demanda tempo. E, quando os ritos funerários não são realizados, a pessoa sente como um luto que não foi realizado, o que pode ser um fator enlouquecedor. Diante disso, essa experiência de luto pode adquirir uma conotação traumática (Salles & Ceccarelli, 2012).

Tal situação de isolamento/distanciamento em relação ao doente/falecido, relacionada à impossibilidade de poder ver e/ou tocar a pessoa que ficou adoecida e, nesse mesmo período, chegou a falecer, pode ser precursora de consequências psíquicas, tais como estresse, ansiedade, tristeza, desamparo, raiva e impotência (Giamattey et al., 2021). Esses sentimentos foram identificados nas entrevistas dos quatro participantes da pesquisa, como é possível verificar nos trechos a seguir:

Piorou... foi muito ruim... porque eu cheguei no hospital e fui ver o corpo do meu padrasto em um saco. Eu pude passar cinco minutos só com ele e ele já foi descartado, eu nem conseguia acreditar, não parecia que ele tinha morrido, não parecia real... (I.N.).

Foi um pouco estranho, porque é como se a notícia só viesse, é como se ela chegasse, que ele veio a falecer. Só que não teve mais nada, já fazia um tempo que eu não via ele,

mas foi... é estranho, é como se a gente chegasse lá... a gente foi lá na casa da minha tia uns tempos atrás e é como se ainda esperasse que ele estivesse lá, sabe? (O.R.).

Na entrevista com a participante M.E., o sentimento de culpa aparece, em diversos momentos, relacionado ao falecimento do ente querido no período da pandemia. Percebe-se que ele é vivenciado tanto pela participante quanto por parentes próximos que também sofreram com a perda, como mostram os seguintes trechos da entrevista de M. E.

... e vinha toda a culpa de novo de não ter abraçado ele e ficava pensando: “Nossa, será que ele morreu de tristeza? Será que ele acha que a gente abandonou ele?” ... eu tenho medo do nono achar que a gente abandonou ele. Fico pensando: como será que ele morreu? Será que ele tava sendo bem tratado? Fico me perguntando essas coisas, sabe?

... e assim eu vejo meu pai, ele tem muito sentimento de culpa de, tipo, “eu deixei meu pai sozinho, ele morreu sozinho”; tipo, não tinha ninguém ali para apertar a mão dele, não tinha ninguém do lado dele, a gente não sabe como ele morreu.

De acordo com Kovács (1992), “. . . emocionalmente é frequente a atribuição de culpa em relação à morte do outro, muitas vezes associada à falta de cuidados, sentimentos exacerbados no processo de luto” (p. 6). Em relação aos cuidados, a pandemia foi um fator que impossibilitou que os familiares pudessem ter contato físico com o doente, o que gerou, principalmente nos familiares próximos, a fantasia de que não cuidaram da melhor maneira daquela pessoa, por não estarem presentes. Isso favoreceu o aumento do sentimento de impotência e frustração e, conseqüentemente, a diminuição da autoestima e o aumento da autocrítica.

A categoria “Dificuldade de elaboração da perda” surge para abordar a dificuldade de lidar com a morte e suas implicações, uma questão evidenciada em todas as entrevistas realizadas. Mesmo antes da pandemia, já era perceptível que evitávamos ou negávamos o confronto com a morte, resistindo a dar espaço às perdas que atravessam nossas vidas. No entanto, essa postura foi profundamente desafiada pela crise da pandemia, que resultou em mais de 160 mil mortes em menos de seis meses (Bianco & Costa-Moura, 2020). Vivências dolorosas envolvendo amigos, conhecidos e a transformação radical do cotidiano, com mudanças nos hábitos, nos costumes e nas relações, tornaram impossível ignorar a presença da morte. Freud (1920/1996) destaca que a morte se torna uma realidade inquestionável, sendo necessário aceitá-la como parte da existência.

Quando se percebe que o objeto amado não existe mais, inicia-se o trabalho de luto, contudo esse objeto continua a existir no psiquismo, havendo, inclusive, uma hipercatexia desse objeto. A cada lembrança com a presença do objeto perdido, a libido se reinveste, mas, em resposta à realidade, aponta que este não existe mais. Esse processo favorece o desligamento gradual da libido. Entretanto, Freud (1914/1974) alerta que o ser humano geralmente não aceita bem o abandono de uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se apresenta. Isso evidencia que romper essa conexão pode ser um processo árduo:

Cada lembrança é um processo de hiper investir e de desinvestir, o período de investimento é muito penoso para o sujeito, mas é nesse sofrimento que o desinvestimento se dá, sendo através disso que ele fica desgastado e precisa desgastar essa experiên-

cia. De fato, quando o trabalho de luto se conclui, o Eu fica outra vez livre, desimpedido, isso é a elaboração do luto (Bolgenhagen & Leonardi, 2023, p. 31).

Silva (2021) afirma que a ausência de rituais de despedida, juntamente com a falta de significação desses rituais, pode dificultar a concretização psíquica da perda. Esse aspecto é evidenciado nas falas de diversos participantes das entrevistas, que relatam como a falta de rituais de despedida afetou a experiência de luto e a dificuldade de elaborar a perda de forma psíquica.

E é estranho porque eu sei que elas faleceram, mas não tem um ponto final no meu coração. Não constatei o fato de que elas não vão voltar. Quando eu penso em Guaíra, que é a minha cidade natal, eu penso que elas ainda estão lá, não teve esse ponto-final, essa passagem de aconteceu. Parece que elas ainda estão em uma espécie de campo ilusório da minha mente, eu vivo uma espécie ainda de uma ilusão, igual eu vivi com o meu pai (M.V.).

A fala de M.V. reflete a dificuldade de aceitar a perda, destacando o impacto da ausência de rituais de despedida no processo de luto. A falta de um “ponto-final no . . . coração” indica que o sujeito não internalizou completamente a morte dos entes queridos, resultando em uma sensação de continuidade de sua presença. A ideia de que eles “ainda estão lá”, em um “campo ilusório”, revela resistência à aceitação da perda, como se o luto estivesse em um limbo emocional. A comparação com a perda do pai sugere que a falta de um rito de despedida impede a elaboração completa da perda.

Nesse contexto, Bolgenhagen e Leonardi (2023) sustentam que a concretização da morte está frequentemente associada à vivência de rituais que materializam a experiência sensorial da perda, como o velório, por exemplo. Eles destacam que, durante a pandemia, a impossibilidade de realizar esses rituais afetou o processo de luto, já que não foi possível chorar, despedir-se ou vivenciar o momento de adeus, comprometendo a progressão do luto e a elaboração da perda.

A experiência da descarga emocional de afetos ligados às vivências por morte é essencial para a elaboração de processos de luto. A falta de descarga emocional suficiente pode favorecer o surgimento de sintomas psicológicos, pois é somente no contato com a dor que esse trabalho irá se concretizar e o enlutado conseguirá adquirir certa compreensão psíquica que, paradoxalmente, irá se fortalecer na fraqueza e aceitação da finitude da vida. Aqui, o princípio da realidade passa a ser um motor fundamental.

Esse fator pode explicar a sensação de M.V. e R.O. de que a perda ainda não foi completamente processada, ou seja, associada ao reconhecimento da irreversibilidade da morte, que impacta na simbolização dessa perda: “Ficou uma coisa meio inacabada, como eu falei. Eu fico com um sentimento que não se foi, enquanto a minha vó eu tenho noção que se foi” (M.V.). “A gente foi lá na casa da minha tia uns tempos atrás e é como se ainda esperasse que ele estivesse lá, sabe?” (O.R.).

Observa-se também nos relatos uma sensação de que talvez tudo tenha sido apenas uma espécie de “pesadelo”, tamanha a angústia vivida na situação. Para Cachopo (2021), houve uma torção dos sentidos, possivelmente intensificada e acelerada pela pandemia. Os modos de percepção e imaginação, de reconhecimento da proximidade ou distância, presença e ausência, espaço e tempo foram afetados. É inegável que os sentidos passaram por modificações – não apenas os mais habituais, como visão, audição, tato, paladar e olfato,

mas também aqueles pelos quais as coisas ganham, perdem e definem significados para nós no mundo em que estamos.

Então foi muito triste pra gente não se despedir dele assim, às vezes eu até fico... ele foi embora, ele não foi . . . e como eu não tava vendo as pessoas, às vezes eu esquecia que ele tinha morrido e aí às vezes alguém tinha que me lembrar, “não, ele morreu”, mas como eu não tava vendo nenhum tio meu, ninguém, eu ficava: “não, ele não morreu” (M.E.).

. . . porque você sabe que a pessoa não tá viva, você sabe que não pode ver ela mais e fica sofrendo porque ela não tá aqui e não pode ver ela mais. Você não tem um ponto-final e eu vivi esse sentimento que não ia embora durante muito tempo, talvez até hoje em relação ao meu pai... e às vezes em relação a minha tia, e a minha tia-avó (M.V.).

O terror da morte e as modificações dos sentidos proporcionou sensações de despedaçamento, sendo difícil, para a pessoa enlutada, avaliar o caos que se instalou dentro dela. Essas sensações aparecem nas entrevistas das participantes M.E. e M.V., especialmente, nos seguintes momentos: “Foi tudo muito difícil no começo, porque eu falava deles como se eles não tivesse morrido e aí a minha mãe me lembrava de que eles tinham falecido, e quando eu lembrava, eu chorava e chorava e não entendia . . . (M.E.)” e “Parece que elas ainda estão em uma espécie de campo ilusório da minha mente, eu vivo uma espécie ainda de uma ilusão, igual eu vivi com o meu pai” (M.V.).

Para que ocorra a elaboração da perda de um ente querido, é necessário que novos caminhos de desejo sejam encontrados, o que pode ser um processo que demanda tempo e envolve reflexão. Apenas por meio dessa elaboração será possível desinvestir a libido de um objeto para encontrar algum outro novo substituto, o que não é um processo simples e que, para além da necessidade de outro objeto, requer também a elaboração de fantasias tanto conscientes quanto inconscientes que ocorrem diante da perda (Campos, 2013; Soares & Castro, 2017). Assim, deve haver mudanças nas defesas e fantasias presentes no psiquismo da pessoa para que haja um novo equilíbrio (Freud, 1917/2011).

A dificuldade de elaboração da perda é ainda mais intensa quando associada a pessoas que tiveram morte repentina e foram privadas de sepulturas (Kovács, 1992), como pôde ser visto durante a pandemia de covid-19. Nas falas dos participantes, pode-se observar que a falta dos ritos fúnebres dificultou o processo de elaboração do luto depois que o objeto de desejo, que antes era presente e no qual estava investida a libido, deixou de existir. Logo, o que pode ser destacado é a dificuldade de a libido ser direcionada para novos objetos, já que não há a percepção de perda evidente nos relatos de M.E, O.R. e M.V.

Além das dificuldades mencionadas anteriormente, na categoria “Diferença da elaboração do luto quando há o ritual”, metade dos participantes destacou o impacto significativo do ritual fúnebre no processo de elaboração do luto. Segundo Silva (2021), os rituais fúnebres “são relevantes para a manutenção psicológica dos indivíduos, posto que auxiliam no enfrentamento da perda concreta e no início do processo de luto, propiciando a manifestação pública de seu pesar” (p. 47). Além disso, ajudam a contextualizar uma nova experiência, em que a pessoa querida já não está presente, favorecendo a mudança de papéis e a transição do ciclo da vida, de modo a oferecer, à família, o suporte necessário (Bromberg, 2000).

Quanto aos significados atrelados aos ritos fúnebres, eles podem colaborar para a demarcação do estado de enlutamento, o reconhecimento da perda de um ente querido e a atribuição de importância do fato para a pessoa. Destarte, a realização dos rituais contribui para marcar, pontuar algo que aconteceu, um aspecto da realidade, possibilitando que, em um momento posterior, ocorra a reintegração da pessoa enlutada na sociedade e a separação dessa pessoa daquela que já se foi (Souza & Souza, 2019).

Em tempos de pandemia, a vivência desse momento final sofreu drásticas alterações, refletindo os desafios impostos pelas restrições sanitárias e pelo distanciamento social. A tecnologia desempenhou papel fundamental nesse contexto, permitindo aos enlutados, que tradicionalmente se despediam dos entes queridos em cerimônias presenciais, alternativas inéditas à concretização do momento de despedida. A realização de rituais fúnebres mediados on-line foi apontada pelo Ministério da Saúde e Fundação Oswaldo Cruz (2020) como uma estratégia significativa para lidar com as limitações do contato presencial. Essa abordagem mostrou-se particularmente relevante em um período em que o luto coletivo, frequentemente expresso em abraços e na presença física do corpo, foi amplamente substituído por gestos simbólicos e digitais.

Um exemplo do impacto dessas mudanças pode ser observado no relato do participante O.R., que destacou, durante a entrevista, o mérito dos ritos para a elaboração do luto, como mostra o comentário sobre sua participação em uma missa on-line, que, apesar do ritual completo não ter acontecido presencialmente (como seria pensando em uma condição de velório, enterro e missa), possibilitou uma melhor elaboração desse luto, em relação a outro ente querido que faleceu na pandemia, sem ter tido nenhum tipo de ritual: “e participar da missa foi bom, porque parece que deu uma noção diferente. O meu outro tio deu uma noção de que ‘tá ok, aconteceu, vamos passar por isso’, e sei lá, lembrar dela é mais tranquilo, é um pouco mais... não sei a palavra, mas é aconchegante, mais calma” (O.R.).

A diferença entre as duas vivências de luto apresentada por O.R. evidencia como a realização de um ritual de despedida pode desempenhar papel crucial na aceitação e elaboração da perda. O participante destacou que a missa on-line proporcionou uma sensação de acolhimento e tranquilidade, tornando a lembrança da pessoa falecida mais serena e reconfortante. Essa vivência dialoga com as ideias de Freud (1917/2011), que aponta o valor do luto como um processo psicológico necessário ao desligamento emocional do objeto perdido, permitindo ao enlutado reinvestir sua energia psíquica em outras relações e atividades.

Giamattey et al. (2021) evidenciam que a cerimônia fúnebre não apenas homenageia aquele que partiu, mas também desempenha um papel de extrema importância para os que permanecem vivos. O ritual estrutura um espaço de conexão entre os participantes, vivenciando sentimentos de cumplicidade e compaixão, enquanto se conectam com suas crenças e estabelecem o início socialmente reconhecido do luto. Mesmo no formato on-line, a realização desses rituais pode ajudar a suavizar conflitos internos, proporcionando um espaço fundamental para elaboração da perda. Essa prática auxilia o indivíduo a lidar com a realidade da ausência, inserindo-o no luto de maneira socialmente reconhecida e permitindo que ele expresse e compartilhe seu sofrimento de forma mais saudável.

M.V. teve a oportunidade de participar presencialmente do velório da avó durante a pandemia e expressa a necessidade desse momento para a elaboração do luto. Em sua fala destaca a relevância de ter vivido essa experiência: “mas com a minha vó eu não fico vivendo esse sentimento que não foi embora, esse luto que não foi embora, porque eu estive lá, eu vi a minha vó no velório, tipo, eu vi ela, me despedi dela, enterrei ela, eu tive um adeus assim. Eu me despedi assim, falei com ela de alguma forma” (M.V.).

O destaque na fala dessa participante está na percepção do velório como um momento crucial para a elaboração do luto, ao permitir a despedida concreta e a confirmação da morte. Na entrevista com M.V., reforça-se a relevância do velório como ritual fúnebre presencial, que oferece um espaço simbólico de separação e reconhecimento da perda. Segundo Nascimento et al. (2020 como citados por Silva, 2021), o velório é uma prática cultural de ritualização que possibilita a confirmação da morte por meio do encontro com o corpo sem vida e a despedida do ente falecido.

A participante M.E. viveu experiência distinta da de M.V., visto que a realização do ritual fúnebre foi impedida, gerando impactos significativos na vivência de luto. M.E. não pôde se despedir do avô, que faleceu no hospital, gerando forte repercussão tanto para ela quanto para os familiares. Durante a entrevista, ela compartilhou como esse impedimento afetou a todos:

Meu pai principalmente, ele ficou muito revoltado com o hospital, mas eu entendo que era o que eles podiam fazer naquele momento, e não necessariamente era culpa deles, mas, para nós, que somos familiares, assim, foi bem difícil e não tinha como não ficar indignada. Quando a gente tá vivendo a situação, dá vontade de correr lá, entrar no hospital e falar: é meu avô, eu preciso ver ele (M.E.).

Diante do exposto, pode-se concluir que os diversos modos de manifestar pesar na ocorrência da morte, como os rituais fúnebres, existem para atender tanto às necessidades psicológicas da pessoa enlutada quanto às sociais, possibilitando que haja um enquadramento e uma previsibilidade da perda de um ente querido (Bromberg, 2000).

Assim, a ausência de rituais fúnebres, seja presencial, seja on-line, como constatado na experiência das participantes M.E. e I.N., dificultou a elaboração do luto, especialmente quando essa vivência é comparada com a dos participantes O.R. e M.V., que tiveram a oportunidade de vivenciar rituais, mesmo que adaptados, no caso de O.R. Logo, a principal diferença, em termos de elaboração do luto, observada entre os entrevistados que participaram e os que não participaram de rituais fúnebres, está relacionada à dificuldade de reconhecimento da irreversibilidade da morte, um processo que os rituais contribuem para facilitar, como discutido por Souza e Souza (2019).

Considerações finais

A pandemia de covid-19 representou um período sem precedentes, com alterações significativas na rotina diária e na implementação de medidas de isolamento social. Essas mudanças, aliadas ao risco de vida e à alta letalidade do vírus, tiveram impactos profundos na saúde mental da população, afetando especialmente o processo de elaboração do luto. A

impossibilidade de realizar rituais funerários tradicionais e o isolamento das pessoas doentes dificultaram a vivência desse processo, como evidenciado pelos participantes da pesquisa.

Este estudo revelou as emoções associadas à experiência de luto durante a pandemia, destacando as dificuldades de lidar com a perda sem os rituais fúnebres habituais. A consequência do isolamento da pessoa doente, somada à ausência dos rituais de despedida, foi um fator crucial na complicação da elaboração do luto. Entretanto, alternativas como celebrações religiosas virtuais, a exemplo das missas on-line, desempenharam um papel de apoio, oferecendo oportunidade de conexão simbólica e emocional, ainda que a distância. Esta pesquisa abriu caminho para a reflexão sobre os efeitos do luto nesse período, à luz dos conhecimentos da psicanálise.

Quanto às limitações da pesquisa, cabe destacar o fato de não terem sido considerados aspectos como classe social, raça e gênero, variáveis necessárias para o entendimento das vivências subjetivas do luto, pois fatores como a posição social e as diferentes experiências de gênero e raça podem influenciar a maneira como o sujeito enfrenta a perda, a introjeção do objeto perdido e a reconstrução de novos laços libidinais. Um exemplo dessa influência pode ser observado na possível dificuldade de acesso a rituais de despedida mediados pela tecnologia. Indivíduos com condições econômicas desfavoráveis podem ter encontrado maiores obstáculos para participar de cerimônias virtuais, seja pela falta de recursos tecnológicos, seja pela ausência de políticas públicas que garantissem essa acessibilidade. Tais dimensões são essenciais para compreender com mais propriedade os processos psíquicos relacionados ao luto e à sua elaboração.

Assim, é importante que estudos futuros se dediquem à investigação dos mecanismos psíquicos, tanto individuais quanto coletivos, presentes na elaboração do luto durante a pandemia. Pesquisas futuras podem ser beneficiadas ao se explorar como os enlutados conseguiram estruturar suas perdas, tanto no plano simbólico quanto emocional, e como as práticas de acolhimento, seja de forma individual, seja grupal, contribuíram para a elaboração do luto. Além disso, é fundamental que investigações futuras não se limitem ao contexto das pandemias, mas que também considerem outras situações emergenciais, como as crises decorrentes das mudanças climáticas e seus impactos socioambientais. Eventos como desastres, chuvas intensas, ondas de calor extremo e deslocamentos forçados podem gerar experiências de luto coletivo e individual. Compreender essas vivências é uma tarefa fundamental, pois, como nos lembra a psicanálise, o luto não é apenas sobre o que se perde, mas sobre como continuamos vivendo a partir daquilo que falta.

Referências

- Bianco, A. C. L., & Costa-Moura, F. (2020). Covid-19: luto, morte e a sustentação do laço social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244103>
- Bolgenhagen, R., & Leonardi, L. C. (2023). Luto sob o contexto da pandemia de covid-19 à luz da psicanálise. *ACIS*, 11(1), 28-36. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/ACIS/article/view/2717>

Aguiar, S. T. de; Furini, A. B.; Agrella, G. C.; Ramalho, N. B.; Carvalho, G. T. B. de; Gallo, J. de M.; Pérsico, B. F. G.

- Bowlby, J. (1985). *Apego, perda e separação*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Bromberg, M. H. (2000). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Livro Pleno.
- Cachopo, J. P. (2021). *A torção dos sentidos: pandemia e remediação digital*. São Paulo: Editora Elefante.
- Campos, É. B. V. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, 21(1), 13-24. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a03.pdf>
- Cardoso, E. A. O., Sola, P. P. B., Silva, L. M., & Santos, M. A. (2021). Luto complicado na pandemia: fatores complicadores e protetores. In E. A. O. Cardoso, J. H. C. Santos, L. S. Lotério & M. A. Santos. *Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar* (pp. 85-100). Ribeirão Preto: Ed. dos Autores.
- Crepaldi, M., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Faustino, J. W. S. (2022). *Luto e melancolia durante pandemia da covid-19: Entre a morte sem adeus e o estado melancólico* [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Dr. Leão Sampaio]. Sistema Unificado Unileão. <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1557.pdf>
- Freud, S. (1974). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 77-113). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1974). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 15-71). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia*. São Paulo: Editora Cosac & Naify. (Obra original publicada em 1917)
- Giamatney, M. E. P., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L. D. R., & Luna, I. J. (2021). Rituais fúnebres na pandemia de covid-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, 26. <https://www.semanticscholar.org/paper/Rituais-f%C3%BAnebres-na-pandemia-de-COVID-19-e-luto%3A-Giamatney-Frutuoso/6908d8216e3204d830c2e380b494278b2054e274>
- Grigolli, B. F. P. (2013). *Reflexões sobre a relação paciente/cuidador e suas implicações frente a processos decorrentes da epidemia de aids* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Guilouski, B., & Costa, D. R. (2012). Ritos e rituais [Apresentação de trabalho]. II *JOINTH: Subjetivação contemporânea e religiosidade*, 91-109. https://www.academia.edu/10770086/RITOS_E_RITUAIS#loswp-work-container.
- Kierkegaard, S. (1968). *O conceito da angústia*. São Paulo: Ed. Hemus. (Obra original publicada em 1844)

Aguiar, S. T. de; Furini, A. B.; Agrella, G. C.; Ramalho, N. B.; Carvalho, G. T. B. de; Gallo, J. de M.; Pérsico, B. F. G.

Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação* (pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1940)

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo.

Ministério da Saúde publica protocolo com orientações para velórios e enterros. (2023,10 de janeiro). *Ministério da Saúde*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-publica-protocolo-com-orientacoes-para-velorios-e-enterros>

Ministério da Saúde, & Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: Processo de luto no contexto da Covid-19*. <https://www.fiocruzbrasil.br/fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>

Organização Pan-Americana de Saúde publica que OMS declara fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à COVID-19. (2023,5 de maio). *Organização Pan-Americana de Saúde*. <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>

Salles, A. C. T. C., & Ceccarelli, P. R. (2012). Angústia, separação e desamparo na clínica contemporânea. *Estudos de Psicanálise*, (38), 23-28. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200003&lng=pt&tlng=pt

Silva, B. C. A. (2021). Morte na modernidade. In E. A. Oliveira-Cardoso, J. H. C. Santos, L. S. Lotério & M. A. Santos, *Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar* (pp. 41-58). Ribeirão Preto: Ed. dos Autores.

Soares, L. G. A., & Castro, M. M. (2017). Luto: colaboração da psicanálise na elaboração da perda. *Psicologia e Saúde em Debate*, 3(2), 103-114. <https://doi.org/10.22289/V3N2A9>

Souza, C. P., & Souza, A. M. (2019). Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35412. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35412>

Transmissão – covid-19. (2023, 31 de março). *Ministério da Saúde*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/transmissao>

The terror of the disruption of funeral rituals in the COVID-19 pandemic

Abstract

At the end of 2019, the coronavirus emerged in China, triggering a global pandemic due to its high contagion rate. Isolation and social distancing measures were adopted to contain the spread of the virus, resulting in significant changes to social routines. The need for physical distancing has significantly affected interpersonal relationships, especially during times of loss such as funerals. Given this, the restrictions imposed by the pandemic interrupted or made goodbyes and funeral rituals more difficult, profoundly impacting the way people experience and deal with grief. Mourning is understood by Psychoanalysis as the evidence presented by the subject in the face of the loss of a person or abstraction linked to it. Thus, not performing these rites during the pandemic generated difficulties in symbolizing loss, resulting in fantasies of fear, terror, guilt and pain. This study sought to study, through a psychoanalytic analysis, the impacts that the lack and/or non-performance of death rites caused during the pandemic period. The nature of this research is applied, with a qualitative approach, with exploratory objectives and field study procedures. Through interviews and data analysis, we examined how participants coped with the death of loved ones, the cause of death, and the experience of farewell lockdowns affected by social distancing. The results highlighted feelings such as stress, anxiety, sadness, helplessness, anger and impotence related to grief during social isolation. We observed a difficulty in the psychic realization of the loss and in the elaboration of mourning, highlighting the importance of funeral rituals in the accessibility of the irreversibility of death. It was concluded that such rituals play a fundamental role in meeting the psychological and social needs of individuals, emphasizing their importance during periods of crisis, such as the pandemic.

Keywords: Pandemic. Mourning. Psychoanalysis. Funeral rituals.

La terreur de la perturbation des rituels funéraires pendant la pandémie de COVID-19

Résumé

Fin 2019, le coronavirus est apparu en Chine, déclenchant une pandémie mondiale en raison de son taux de contagion élevé. Des mesures d'isolement et de distanciation sociale ont été mises en œuvre pour contenir la propagation du virus, entraînant des changements importants dans les routines sociales. Le besoin de distanciation physique a considérablement affecté les relations interpersonnelles, en particulier lors de périodes de deuil comme les funérailles. Dans ce contexte, les restrictions imposées par la pandémie ont interrompu ou rendu les

adieux et les rituels funéraires plus difficiles, ce qui a eu un impact profond sur la façon dont les gens vivent et gèrent le deuil. Le deuil est compris par la psychanalyse comme la réaction présentée par le sujet face à la perte d'une personne ou à l'abstraction qui y est liée. Ainsi, ne pas accomplir ces rites pendant la pandémie a généré des difficultés dans la symbolisation de la perte, entraînant des fantasmes de peur, de terreur, de culpabilité et de douleur. Cette étude visait à étudier, à travers une analyse psychanalytique, les impacts que l'absence et/ou la non-exécution des rites de mort ont provoqués pendant la période pandémique. La nature de cette recherche est appliquée, avec une approche qualitative, avec des objectifs exploratoires et des procédures d'études sur le terrain. Grâce à des entretiens et à l'analyse des données, nous avons examiné comment les participants ont fait face au décès d'êtres chers, à la cause du décès et à l'expérience des cérémonies d'adieu affectées par la distanciation sociale. Les résultats ont mis en évidence des sentiments tels que le stress, l'anxiété, la tristesse, l'impuissance, la colère et l'impuissance liés au deuil lors de l'isolement social. Il y avait une difficulté dans la prise de conscience psychique de la perte et dans l'élaboration du deuil, soulignant l'importance des rituels funéraires dans l'acceptation de l'irréversibilité de la mort. Il a été conclu que ces rituels jouent un rôle fondamental pour répondre aux besoins psychologiques et sociaux des individus, en soulignant leur importance pendant les périodes de crise, comme la pandémie.

Mots-clés: Pandémie. Deuil. Psychanalyse. Rituels funéraires.

El terror de la interrupción de los rituales funerarios en la pandemia de COVID-19

Resumen

A finales de 2019 surgió el coronavirus en China, desencadenando una pandemia mundial por su alta tasa de contagio. Se implementaron medidas de aislamiento y distanciamiento social para contener la propagación del virus, lo que resultó en cambios significativos en las rutinas sociales. La necesidad de distanciamiento físico ha afectado drásticamente las relaciones interpersonales, especialmente en momentos de pérdida como los funerales. Ante esto, las restricciones impuestas por la pandemia interrumpieron o dificultaron las despedidas y los rituales funerarios, impactando profundamente la forma en que las personas viven y afrontan el duelo. El duelo es entendido por el Psicoanálisis como la reacción que presenta el sujeto ante la pérdida de una persona o abstracción vinculada a ella. Así, no realizar estos ritos durante la pandemia generó dificultades para simbolizar la pérdida, resultando en fantasías de miedo, terror, culpa y dolor. Este estudio buscó estudiar, a través de un análisis psicoanalítico, los impactos que la falta y/o no realización de los ritos de muerte causó durante el período de pandemia. La naturaleza de esta investigación es aplicada, con enfoque cualitativo, con objetivos exploratorios y procedimientos de estudio de campo. A través de entrevistas y análisis de datos, examinamos cómo los participantes afrontaron la muerte de sus seres

Aguiar, S. T. de; Furini, A. B.; Agrella, G. C.; Ramalho, N. B.; Carvalho, G. T. B. de; Gallo, J. de M.; Pérsico, B. F. G.

queridos, la causa de la muerte y la experiencia de las ceremonias de despedida afectadas por el distanciamiento social. Los resultados resaltaron sentimientos como estrés, ansiedad, tristeza, impotencia, ira e impotencia relacionados con el duelo durante el aislamiento social. Hubo dificultad en la realización psíquica de la pérdida y en la elaboración del duelo, destacando la importancia de los rituales funerarios en la aceptación de la irreversibilidad de la muerte. Se concluyó que tales rituales juegan un papel fundamental en la satisfacción de las necesidades psicológicas y sociales de los individuos, destacando su importancia durante períodos de crisis, como la pandemia.

Palabras claves: Pandemia. Duelo. Psicoanálisis. Rituales funerarios.

Recebido em: 19/2/2024

Revisado em: 15/2/2025

Aceito em: 20/3/2025